

A large, stylized number '9' is the central graphic element. It is composed of several grey shapes: a vertical bar on the right, a curved top section, a large oval in the middle, and a curved bottom section. The number is positioned on the right side of the page, with its left edge aligned with the right edge of the page.

RESENHAS

Exibishow da intimidade e espetacularização do eu: a celebração do ordinário cotidiano na ficcionalização da realidade

Cíntia Dal Bello

SIBILIA, Paula (2008). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 284 p.



Resumo: Novas práticas culturais associadas ao uso de dispositivos tecnológicos de comunicação em rede configuram o contemporâneo fenômeno da exibição da intimidade e da celebração do ordinário cotidiano nas instantaneidades do *tempo real*. A crescente espetacularização do “eu” e o tom “confessional” dos múltiplos relatos autobiográficos sinalizam uma premente necessidade de validar a existência na transparência das telas; nesse contexto, a subjetividade manifesta sente-se legitimada no olhar mediatizado do outro e transforma-se em show.

Palavras-chave: subjetividade; visibilidade mediática; cibercultura; espetáculo; realidade

Abstract: *Exhibit show of intimacy and spectacularization of the self: celebration of the ordinary in the fictionalization of reality* — New cultural practices associated with the use of technological devices of network communication are a contemporary phenomenon of the exhibition of intimacy and the celebration of the ordinary in the instantaneities of real time. The growing spectacularization of the self and the confessional tone of numerous autobiographical reports indicate a pressing need to validate existence in the transparency of the screen. In this context, the manifested subjectivity is legitimated in the mediated vision of the other and is transformed into a show.

Keywords: subjectivity; mediatic visibility; cyberculture; show; reality

Em 2006, a revista *Time* elegeu como personalidades do ano *eu, você e todos nós*, pessoas comuns, usuários amadores das novas tecnologias de informação e comunicação que empreendem uma ruidosa, criativa e espontânea revolução mediática ao se transformarem em produtores de conteúdos nas redes sociais (sites de compartilhamento de arquivos ou comunidades virtuais de relacionamento). A partir desse episódio sintomático, Paula

Sibília começa a constituir um longo e surpreendente inventário das práticas culturais de exposição mediática que, no conjunto de sua diversidade, sinaliza um fenômeno paradoxal marcadamente contemporâneo: por um lado, a hipertrofia do eu beira a megalomania; por outro, a crescente exibição da intimidade e o consumo da realidade do outro celebram o ordinário cotidiano “na constatação da mediocridade própria e alheia” (p. 7). Ressalvado o fato, graças às estatísticas da exclusão digital, de que a representatividade desse *todos nós* é duvidosa e questionável, a “revolução” empreendida pelos poucos favorecidos *eu* e *you* alcança ares de universalidade na veiculação global e impregna, assim, os imaginários locais sobre o que é ser alguém. E, para ser alguém, é preciso aparecer, fazer raiar sua “realidade” nas janelas de visibilidade fulgurante da mídia.

Ciente do quanto são significativos os contextos culturais e as trocas intersubjetivas para a conformação de corpos e de subjetividades, Sibília busca compreender de que modo as práticas de espetacularização do eu e da intimidade afetam os modos pelos quais alguém se torna o que é. A natureza do fenômeno identificado é complexa e composta por múltiplas e singulares experiências, razão pela qual, para não incorrer em reducionismos, a autora se propõe a delinear tendências na observação das populações urbanas que desfrutam de bens culturais, utilizam dispositivos tecnológicos de comunicação e trafegam com certa regularidade no *cyberspace* (com especial interesse na América Latina). A perspectiva da análise, portanto, não é nem singular nem universal, mas particular, pois versa sobre

aqueles elementos da subjetividade que são claramente culturais, frutos de certas pressões e forças históricas nas quais intervêm vetores políticos, econômicos e sociais que impulsionam o surgimento de certas formas de ser e estar no mundo. E que solicitam intensamente essas configurações subjetivas, para que suas engrenagens possam operar com maior eficácia. (p. 14-15)

Eis o tom crítico que se apresenta nas entrelinhas do extenso mas não exaustivo inventário: longe de celebrar a “democratização” dos *media* e a fecunda produção de conteúdos que marca a era da Web 2.0, Sibília ilustra a capitalização e a remuneração das manifestações (espontâneas?) de criatividade pelas potências econômicas da rede, a sujeição das individualidades comuns (estrelas?) pelos meandros do mercado cultural contemporâneo e os serviços (invasivos?) de publicidade direcionada que se valem dos mecanismos de vigilância e indexação de comportamentos no *cyberspace*. Ao ceder às seduções que o levam a falar de si, “os sujeitos não estariam mais do que alimentando as vorazes engrenagens da sociedade industrial, que precisa *saber* para aperfeiçoar seus mecanismos” (p. 70); a violência do *fazer falar* acentua o caráter da “confissão” como dispositivo de poder. Enquanto determinadas subjetividades são arrematadas na tessitura de um capitalismo espectral, outras são repelidas e relegadas à lenticidade da concretude territorial e à exasperante invisibilidade do corpo próprio. Segundo a autora, não há como desdenhar “a relevância dos laços incestuosos que amarram essas novas tecnologias ao

mercado, instituição onipresente na contemporaneidade, e muito especialmente na comunicação mediada por computador” (p. 23).

No caudal vertiginoso da visibilidade mediática, despido dos referentes que se liquefizeram na pós-modernidade, o *eu* é convocado a deslocar-se do interior para o exterior, deixando de habitar a compacta e contínua noção de identidade para pluralizar-se nas dinâmicas flexíveis e superficiais do espetáculo mediático. A novelização da vida real e o desnudamento da intimidade na proliferação de imagens do *eu* (em *blogs*, *fotologs*, *videologs* e perfis em comunidades virtuais de relacionamento) reverberam a crise das categorias de verdade e ficção: o que há de encenação no *eu* que confessa ser *ele mesmo*?

Sibília não perde de vista o caráter ficcional, multifacetado e intersubjetivo do *eu*, “eixo móvel e instável onde convergem todos os relatos de si” (p. 29): narrar a existência, apesar de sua complexidade caótica e inapreensível, contribui para tecer contornos e espessuras nos quais a subjetividade humana pode se reconhecer e se apresentar como singular. Entretanto, o deslocamento das narrativas autobiográficas (de caráter “confessional”) dos diários íntimos (escritos no segredo, com pudor, na segurança e no isolamento dos quartos *privados dos indivíduos* da sociedade moderna burguesa) para os diários digitais (publicizados em escala global para consumo *voyer* nas areias movediças do que é público ou privado) não sinaliza apenas uma mudança no suporte, mas na subjetividade que dali emerge. A experiência do *eu* abandona as profundezas da interioridade (relativa ao *homo psychologicus* vigente até então) para encontrar significado na congruência entre vida real e *reality show*; o novo sujeito se afirma “como alguém que é; alguém que vive a própria vida como um verdadeiro personagem” (p. 49), e seu valor não reside nas suas ações, mas na capacidade de *ser* reconhecidamente alguém (ainda, e de preferência, que este *ser* se mostre em toda a sua banalidade).

Em vez de reconhecer na ficção da tela — ou da folha impressa — um reflexo da nossa vida real, cada vez mais avaliamos a própria vida “segundo o grau em que ela satisfaz as expectativas narrativas criadas pelo cinema”, como insinua Neal Gabler em seu provocador estudo sobre os avanços do entretenimento e da lógica do espetáculo. Valorizamos a vida própria em função da sua capacidade de se tornar, de fato, um verdadeiro filme. (p. 47-48)

Invasão e, sobretudo, evasão de privacidade retroalimentam-se no deslizamento dos eixos do *eu* “do interior para o exterior, da alma para a pele, do quarto próprio para as telas de vidro” (p. 87), indícios que não podem ser explicados apenas como “mero aprofundamento de certo narcisismo, voyerismo e exibicionismo sempre latentes” (p. 88), embora o fascínio pela superexposição encontre “terreno fértil em uma sociedade atomizada por um individualismo com beiradas narcisistas, que precisa *ver* sua bela imagem refletida no olhar alheio para *ser*” (p. 256). Nesse sentido, o corpo deixa de ser invólucro da subjetividade para se transformar em *objeto de design* e libertá-la dos regimes da sinceridade e da autenticidade que marcaram a experiência do sujeito moderno condenado a

sua *mesmice* e a sua história. Não cabe mais pensar em termos de uma arqueologia do *eu* para compreender as camadas bem sedimentadas do passado; mas é possível “rebobinar o filme da própria vida”, “revelar ou velar uma recordação”, “arquivar ou deletar algum dado particular do nosso acervo mental” (p. 116-117); a lógica do instantâneo implodiu a da acumulação. Sob os vértices do *tempo real*, mudam, portanto, a forma como cada sujeito vivencia sua inscrição no tempo e a forma como o tempo edifica aquilo que cada um é. Diferentemente dos diários íntimos, que exigiam um sentido disciplinar de continuidade no exercício do autoconhecimento,

os blogs conformam prolixas coleções de tempos presentes organizadas cronologicamente. Ademais, agora é lícito abandonar a tarefa se ela se tornar cansativa ou enfadonha demais, sabendo que sempre será possível renascer em outro momento, abrindo um outro blog ou mesmo um fotolog, ou um perfil no *Orkut*, ou alguma outra novidade que logo irá aparecer e será ainda mais cintilante. Sempre é possível recomeçar, não apenas com outro *layout* mais bonito e atual, mas inclusive com um perfil renovado. Afinal, o que se cria nessas praias virtuais são “identidades de férias”, de acordo com a expressão de Philippe Lejeune: formas subjetivas com regras mais frouxas e flexíveis, que por isso permitem “descarregar-se um pouco do peso da própria vida, dar-se uma nova oportunidade”. (p. 135)

Em tempo, sublinhe-se esta interessante incongruência: o intenso e despudorado desejo de aparecer e afirmar seu *eu* em toda a sua transparência faz uso de uma extensa matriz de imagens, muitas vezes contraditórias e descontínuas, para visibilizar-se, demandando uma curiosa gestão de *si*. Pode-se dizer que à saturação da ficcionalidade romântica (que povoou o imaginário moderno, imprimiu sentido à experiência e alimentou as subjetividades de então) se opôs uma ávida necessidade de celebrar e consumir a realidade. Mas nisto consiste o paradoxo: para ser percebida como plenamente real, a realidade “deverá ser intensificada e ficcionalizada com recursos midiáticos” (p. 191); nesse contexto, para *ser*, o *eu* deve ser espetacularizado, ou seja, deve transformar-se na personagem de sua própria vida e expô-la para, sob a chancela do olhar do outro, certificar-se de que é, realmente, *alguém*. A exibição toma o contorno de *show*, e assim são produzidos os múltiplos, frágeis, polifônicos e, por vezes, irrelevantes micro-relatos da vida real que colorem o vazio dos dias atuais no vácuo da implosão das tradições e dos meta-relatos.

A obra de Sibília percorre a difícil trajetória de apreender o contemporâneo em sua fugacidade para observar, sob o paradigma da descontinuidade, a especificidade das novas práticas culturais e suas implicações no presente. Nesse caminho, dialoga intensamente com Benjamin, Foucault e Debord, entre outros teóricos de significativa importância, e tece

comparações com aquelas modalidades que podem ser consideradas seus “ancestrais”, pois elas fornecem um pano de fundo contra o qual é mais fácil enxergar as inovações.

Embora alguns hábitos pareçam sobreviver ao longo de períodos históricos diversos, ganhando certo ar de eternidade, convém desconfiar dessas permanências: muitas vezes as práticas culturais persistem, mas seus sentidos mudam. (p. 73)

Em tempos paradoxais, a obra conjuga as metáforas de Roma e Pompéia:¹ busca nas ruínas da história os fragmentos constitutivos do sujeito moderno, recompondo-o virtualmente (tal como Roma); e eterniza, “fotograficamente”, o exato sujeito do instantâneo *hoje* (tal como Pompéia). Confronta, assim, o “moderno virtual” com o “pós-moderno fossilizado” para dar conta de sua empreitada.

CÍNTIA DAL BELLO é publicitária com especialização em marketing e comunicação e cultura e meios de comunicação, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e bolsista Capes. Atualmente integra o corpo docente da Universidade Nove de Julho, onde coordena o curso de Publicidade e Propaganda.

pubcintia@yahoo.com.br

¹ As metáforas de Roma e Pompéia foram evocadas por Freud “para exemplificar as diversas maneiras de se praticar essa exploração arqueológica nos labirintos da mente” (p. 114). Assim, Roma equivale à capacidade de reconstituição do todo por meio dos cacos sobreviventes, ao passo que concentra, na multiplicidade das camadas históricas, várias Romas devidamente sobrepostas. Pompéia, petrificada por inteiro, equivale à capacidade de registrar, em sua totalidade, um momento único e singular. Duração e instante constituem modalidades de recordações entre as quais o psiquismo oscila “sem jamais conseguir juntá-las, pois seria impossível atualizar simultaneamente todas essas virtualidades. É Roma, portanto, ou é Pompéia, mas nunca ambas sobrepostas” (p. 115).

